

APRESENTAÇÃO

Após quase um ano de caminhada na nossa amada Diocese de São Carlos, chegou a hora de iniciarmos a reflexão para o nosso Plano Pastoral. Queremos, neste plano pastoral, atualizar a caminhada de nossa Diocese, colocando-a na linha do Documento de Aparecida, centrada no discípulo missionário, na linha do Pontificado do Papa Francisco e das últimas Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil. Duas linhas, neste caminho, são muito importantes: uma Igreja centrada na Palavra de Deus e uma Igreja Missionária, que viva um dinamismo constante, transformando seus filhos (as) e suas estruturas em missionárias.

Uma Igreja centrada na Palavra de Deus é uma Igreja que tem a firme convicção de que o Senhor continua a nos falar hoje e de que é preciso estar sempre à Sua escuta. É ouvindo-o que se forma o coração do discípulo-missionário. O Senhor continua a falar através das Escrituras. São Jerônimo dizia: “Ignorar as Escrituras é ignorar o próprio Cristo”. A Escritura forma o coração do discípulo-missionário. Nossa Igreja, como uma mãe, quer colocar a riqueza da Palavra nas mãos de seus filhos e filhas. Isto se realiza através da leitura das Escrituras, da leitura orante da Bíblia, círculos bíblicos, escolas bíblicas, etc.

Uma Igreja missionária é uma Igreja cujos membros e estruturas sejam missionários. Papa Francisco fala em conversão pastoral, fala de mudança de conduta da Igreja em sua ação. É claro que tal mudança parte de um voltar-se para a sua referência – Jesus Cristo e seu Evangelho, tornando a Igreja mais

Evangelizadora e Missionária: “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma simples administração. Constituamo-nos em 'estado permanente de missão', em todas as regiões da terra”. E prossegue o Papa: “Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem 'fidelidade da Igreja à própria vocação', toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo”. A Igreja, em sua caminhada, não pode ser indiferente, ou morna, diante do seu Senhor. Relembremos a condenação à Igreja de Laodiceia: “Conheço tua conduta: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente! Assim, porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca” (Ap 3,15-17).

Agradeço à equipe, guiada pelo Pe. Marcelo Aparecido de Souza, Coordenador de Pastoral de nossa Diocese, a preparação deste material, e espero que este tempo de reflexão rumo ao nosso plano pastoral envolva a todos: padres, religiosos (as), diáconos, seminaristas, leigos e leigas, e que seja um tempo rico de aprofundamento rumo à nossa Assembleia Diocesana, que acontecerá no dia 15 de novembro de 2017.



Dom Paulo Cezar Costa
Bispo Diocesano

1. INTRODUÇÃO

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019) tem como objetivo geral “**EVANGELIZAR**, a partir de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária, profética e misericordiosa, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo”.

A Diocese de São Carlos, seguindo as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE), e as orientações do Papa Francisco (*Evangelii Gaudium*), em processo de elaboração do seu Planejamento Pastoral, através desse subsídio, e de outras iniciativas, vem **MOTIVAR, ENVOLVER E ANIMAR** todas as comunidades paroquiais para a elaboração do seu Plano de Pastoral de Conjunto, que tem como eixo de ação **BÍBLIA e MISSÃO**.

Para tanto, é necessário que as paróquias **debruçem** sobre esses materiais e **encontrem** caminhos para as urgências das DGAE/2015-2019 sejam colocadas em prática. Esse passo é necessário para que a Diocese de São Carlos transforme as grandes metas da Igreja no Brasil em realidade.

As Diretrizes consistem num “farol” para iluminar a realidade da nossa Diocese. O nosso papel como agentes será o de transformar as Diretrizes em Plano de Pastoral, mas isso, só será possível, se houver a participação e colaboração das comunidades paroquiais, como células vivas da Diocese. Esse é o propósito desse subsídio em preparação do Plano Diocesano de Pastoral.

2. O QUE É UM PLANO DIOCESANO DE PASTORAL?

Um Plano de Pastoral deve ser resultado de um planejamento, feito em conjunto, envolvendo o maior número de pessoas (clérigos e leigos), de modo que ele expresse a realidade da Diocese, em sintonia com a Igreja no Brasil e no mundo. É, portanto, um “conjunto de atividades articuladas entre si para se chegar a um objetivo comum, no caso, o indicado pelas Diretrizes” (DGAE, p. 73) e os indicados pela Diocese. Enquanto as Diretrizes da Igreja respondem à questão “onde precisamos chegar?”, o Plano Diocesano responde a outras questões, a saber:

- ✓ **Como** (passos ou etapas);
- ✓ **Quem** (os responsáveis);
- ✓ **Com o quê** (os recursos);
- ✓ **Quando** (o prazo ou tempo de vigor do plano).

Vale lembrar que sem respostas adequadas a estas questões, ou itens, o Plano Diocesano não sai do papel. Portanto, as respostas a essas questões devem ser encontradas, juntos.

3. PROCESSO DE PREPARAÇÃO DO PLANO DE PASTORAL DA DIOCESE

A preparação se dá através de um processo de planejamento que consiste na formação teórica e prática, envolvendo o maior número de pessoas, e na construção, em conjunto, dos caminhos a serem trilhados pela Diocese, num período previamente estipulado, buscando, dentro deste período, alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos que forem traçados. Para que isso se realize é preciso que haja a participação de um maior número possível de pessoas. Os passos para o planejamento e o plano pastoral da Diocese se darão da seguinte forma:

- Formação teórica e prática para padres (20 e 21 de junho 2017);
- Formação teórica e prática para leigos, religiosas/os, seminaristas e diáconos (22 de julho 2017)
- Estudos nas comunidades, deste subsídio e das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, aqui sintetizadas, que visam ver, julgar e agir:
 - ver a realidade de cada paróquia;
 - julgar / iluminar essa realidade à luz da Palavra de Deus;
 - agir, apresentando propostas concretas para o Plano Diocesano de Pastoral.
- Síntese das respostas das paróquias nos Vicariatos.

A síntese de cada Vicariato será entregue à Comissão Organizadora do Plano Diocesano de Pastoral, juntamente com os resultados das reflexões realizadas nas paróquias. A Coordenadoria de Pastoral, em conformidade com as orientações do Bispo Diocesano, Dom Paulo Cezar, elaborará o texto a ser aprovado na Assembleia de Pastoral.

4. ORIENTAÇÕES BÁSICAS PARA A PARTICIPAÇÃO NESTE PROCESSO DE PLANEJAMENTO

A formação teórica do clero (20 e 21 de junho 2017) tem como objetivo oferecer os indicativos essenciais para a elaboração dos planejamentos e planos pastorais paroquiais, com base nas Diretrizes e no Plano Diocesano de Pastoral, consequentemente diretrizes para a participação no processo de elaboração do Plano Diocesano de Pastoral.

Essa base teórica é fundamental para a elaboração dos planejamentos e dos planos paroquiais de pastoral, pois, sem os planos paroquiais de pastoral, o Plano Diocesano de Pastoral não toca o chão da realidade, isto é, não sai do papel. Desse modo, a participação, e a colaboração dos párocos e vigários paroquiais, são fundamentais para que a Diocese tenha um bom Plano de Pastoral e esse chegue às bases e se concretize.

A participação dos leigos é necessária nesse processo, porque serão eles que colaborarão nas paróquias para que o Plano se torne Plano Paroquial de Pastoral. Se não houver a participação dos leigos, os Planos se tornam “planos de gabinetes”, ou “planos para o bispo ver”, e ele não funcionará de fato, impossibilitando que a paróquia realize as urgências e as exigências da ação evangelizadora, permanecendo assim como paróquia de mera manutenção, centrada no viés sacramental, sem evangelização, conforme constata os últimos documentos da Igreja.

Para tanto, é importante a participação de **três leigos representando cada paróquia** na formação do dia 22 de julho 2017. Esses leigos delegados devem ser atuantes na paróquia e voltem com a incumbência de repassar a formação recebida sobre o planejamento pastoral. Sugerimos que dentre esses leigos esteja a pessoa coordenadora do CPP (Conselho Paroquial de Pastoral) e a pessoa coordenadora do Conselho de Assuntos Econômico. Esses deverão participar da Assembleia Diocesana e organizar o processo de estudos na paróquia junto ao CPP.

5. ORIENTAÇÃO PARA ESTUDO E REFLEXÃO DESSE SUBSÍDIO

Esse subsídio pretende ser uma síntese dos pontos essenciais das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil / 2015-2019, e das Cinco Urgências dessas Diretrizes, de modo que a comunidade paroquial tenha pelo menos uma noção básica do que tratam as Diretrizes da Igreja, suas

urgências, e como aplicá-las na Diocese, apesar da sua multiplicidade de realidades.

O objetivo desse subsídio é preparar, capacitar, conscientizar, bem como fomentar a interação e participação das paróquias no processo de planejamento pastoral da Diocese.

A maneira de estudar esse subsídio fica a critério de cada paróquia, na pessoa do seu pároco, e da equipe de coordenação pastoral (CPP), mas sugerimos que uma das formas seria o estudo nas reuniões do CPP, destacando a importância de cada coordenador de pastoral presente nesta reunião transmitir para sua equipe de pastoral os resultados desses estudos. Essa talvez seja a forma mais eficaz de um maior número de pessoas participarem e interagirem nesse processo.

O estudo poderá ser feito na forma de “Círculos Bíblicos”, utilizando o método da Leitura Orante, ou de palestras, ou da forma que a equipe paroquial achar mais eficaz. O mais importante é que cada paróquia reflita e responda as questões propostas e envie as respostas e sugestões para a Equipe Diocesana de redação do Plano Diocesano de Pastoral, dentro do prazo determinado, lembramos que nos textos existem perguntas para reflexão do grupo paroquial e questões DEVOLUTIVAS, que deverão ser entregues no prazo determinado.

6. CRONOGRAMA DA XXV ASSEMBLEIA DIOCESANA DE PASTORAL

- ✓ 20 A 22 DE JUNHO – Atualização do Clero – formação sobre o Plano de Pastoral;
- ✓ 22 DE JULHO – Formação para leigos e leigas sobre o Plano de Pastoral Diocesano;
- ✓ JULHO-AGOSTO-SETEMBRO - Reflexão nos CPPs com estudos e resposta das perguntas para a elaboração do Plano de Pastoral .
- ✓ MÊS DE SETEMBRO - Síntese das respostas das paróquias, a ser realizada na reunião dos Vicariatos.
- ✓ 30 DE SETEMBRO - entrega das respostas, sintetizadas pelo Vicariato, à Comissão Diocesana de Pastoral;
- ✓ OUTUBRO - elaboração, pela Comissão Diocesana de Pastoral, da Assembleia Diocesana a partir do material que os Vicariatos retornaram dos estudos nos CPPs.
- ✓ 15 DE NOVEMBRO - XXV Assembleia Diocesana de Pastoral para aprovação do Plano de Pastoral.

DAS DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL 2015-2019

INTRODUÇÃO

Na sua Assembleia Ordinária de 2014, a CNBB decidiu dar continuidade às DGAE 2011-2015, atualizando-as à luz da Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. A continuidade foi motivada pela necessidade de dar prosseguimento ao processo de aplicação do Documento de Aparecida, que é a principal referência das Diretrizes 2011-2015. O renovado empenho missionário que a Conferência de Aparecida nos pede e o amplo processo de “conversão pastoral” que ela propõe, estão em pleno curso. Além disso, a revisão das DGAE à luz da *Evangelii Gaudium* mostrou-se igualmente necessária. O Papa Francisco apresentou a sua Exortação indicando caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos e convocou toda a Igreja a “avançar no caminho da conversão pastoral e missionária”, a “não deixar as coisas como estão” e a se “constituir em estado permanente de missão”.

A recepção da *Evangelii Gaudium* pela Igreja no Brasil reforça e aprofunda as grandes opções da Conferência de Aparecida assumidas pela CNBB, em suas diretrizes para ação evangelizadora. A celebração do quinquagésimo aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II (08.12.1965) e o Ano Santo Extraordinário da Misericórdia (08.12.2015 a 20.11.2016) nos convidam a prosseguir no caminho da renovação pastoral, no contexto de uma nova evangelização, com novo ardor missionário e criatividade pastoral (DGAE, n. 2).

PRIMEIRO ENCONTRO

PARTIR DE JESUS CRISTO

Síntese do Primeiro Capítulo

Leia e reflita em grupo os tópicos abaixo, respondendo as questões propostas. Anote as sugestões concretas e remeta-as para a equipe de Coordenação do Planejamento Pastoral Diocesano.

1. A IGREJA VIVE DE CRISTO

Jesus Cristo é a fonte de tudo o que a Igreja é e de tudo o que ela crê. Em sua missão evangelizadora, ela não comunica a si mesma, mas o Evangelho, a palavra e a presença transformadora de Jesus Cristo, na realidade em que se encontra. Ela é a comunidade dos discípulos missionários, que respondem permanentemente à pergunta decisiva: quem é Jesus Cristo? (Mc 8,27-29). O fundamento do discipulado missionário é a contemplação e o seguimento de Jesus Cristo. Como afirma o Papa Francisco, “a melhor motivação para se decidir comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração”. Na comunhão eclesial, eles experimentam o fascínio que faz arder seus corações (Lc 24,32), e os leva a tudo deixar (Lc 5,8-11) e a viver um amor incondicional a Ele (Jo 21,9-17). A paixão por Jesus Cristo os leva à verdadeira conversão pessoal e pastoral (Lc 24,47; At 2,36ss) (n. 4).

2. IGREJA: LUGAR DO ENCONTRO COM JESUS CRISTO

É na comunhão eclesial que o discípulo missionário, ao *contemplar Jesus Cristo*, descobre o Verbo que arma sua tenda entre nós, o Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade (Jo 1,14); aquele que, sendo rico, se fez pobre para a todos enriquecer (2Cor 8,9), sendo de condição divina, não se fecha em si mesmo, mas se esvazia até a morte e morte de cruz (Fl 2,5ss) e não tem sequer onde reclinar a cabeça (Mt 8,20). Ele está sempre a caminho para anunciar o Reino, a graça, a justiça e a reconciliação (Lc 4,43). Ele se preocupa com as ovelhas que não fazem parte do rebanho (Jo 10,16), mesmo

que seja uma única ovelha perdida, sofrida (Lc 15,4-7), para reanimá-las diante da dor e da desesperança (Lc 24,13-35). Deus se comunica conosco por meio de sua Palavra que é Jesus Cristo, Verbo feito carne. É este mesmo Jesus que virá, um dia, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos (Mt 25,31-46) (n. 8).

3. ATITUDES FUNDAMENTAIS DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

O discípulo missionário encontra nas atitudes de *alteridade* e gratuidade as marcas que configuram sua vida à de Jesus Cristo, que, “sendo rico, se fez pobre para nos enriquecer com sua graça” (2Cor 8,9) e que veio “para servir e dar a vida em resgate por muitos” (Mt 20,28). Aí se encontram a fonte de duas atitudes fundamentais. *Alteridade* se fundamenta na encarnação e se refere ao outro, ao próximo, àquele que, em Jesus Cristo, é meu irmão ou minha irmã, mesmo estando do outro lado do planeta. As diferenças convidam ao respeito mútuo, ao encontro, ao diálogo, à partilha e ao intercâmbio de vida e à solidariedade. O cristão vive a *gratuidade*, que encontra no mistério pascal sua máxima expressão e sua fonte permanente. A vida só se ganha na entrega, na doação. “Quem quiser perder a sua vida por causa de mim a encontrará!” (Mt 10,39). Gratuidade significa amar, em Jesus Cristo, o irmão e a irmã, respondendo, através de atitudes fraternas e solidárias, a grande questão: “quem é o meu próximo?” (Lc 10,29), querendo e fazendo bem ao outro sem nada esperar em troca. Ainda mais, Jesus se declara presente nos sofredores e, o que é feito ou negado a eles, declara feito ou negado a Si mesmo, fazendo do amor-serviço o critério do julgamento (Mt 25,31-46). Com essas atitudes, corta-se a raiz mais profunda da violência, da exclusão, da exploração e de toda discórdia (n.11).

4. A IGREJA “EM SAÍDA”

Ser verdadeiro discípulo missionário exige o *vínculo efetivo e afetivo* com a comunidade dos que descobriram fascínio pelo mesmo Senhor. Ele sabe que exerce sua missão na Igreja, “em saída”. “Naquele 'ide' de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova 'saída' missionária”. O papa Francisco afirma: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida

e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Por isso ela sabe ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inesgotável de oferecer misericórdia”. A saída exige “prudência e audácia”, “coragem” e “ousadia” (n. 13).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Quem “encontrou” com Cristo tem sua vida transformada e não se fecha mais em si, mas se abre para acolher os afastados. Neste sentido, sua paróquia tem sido lugar de encontro com Cristo, ou apenas lugar de celebrações sacramentais, sem compromisso com os que vivem à margem? Comente e indique sugestões concretas para que as comunidades paroquiais sejam, de fato, lugares de encontro com Cristo.

2. O que é ser discípulo missionário de Jesus Cristo e o que esta postura implica na vida das paróquias? Aponte sugestões que ajudem as pessoas a serem mais discípulas missionárias.

QUESTÕES QUE DEVEM SER RESPONDIDAS

1. Comente o que vocês entenderam por conversão pastoral, e qual a importância dela para as mudanças que vem sendo pedidas às paróquias, de modo que elas passem de paróquias de mera conservação para paróquias decididamente missionárias. Indique sugestões concretas para que essa conversão possa ser viabilizada por meio de nosso Plano Pastoral.

2. O que vocês entendem por “Igreja em saída” e que sugestões concretas vocês indicam para que a Diocese adote uma postura desta natureza?

MARCAS DO NOSSO TEMPO

Síntese do Segundo Capítulo

Os discípulos missionários sabem que evangelizam “também procurando enfrentar os diferentes desafios que podem se apresentar”, e que, para isto, *devem conhecer a realidade à sua volta*, atentos aos sinais dos tempos e, em atitude de discernimento, nela mergulhar iluminados pela fé. (n. 16).

A Igreja no Brasil tem sido testemunha do Evangelho da vida e da promoção da justiça e da paz e *acompanha com atenção a realidade cultural*, econômica e política da sociedade brasileira, especialmente atenta aos pobres, que, tendo de lutar para viver e muitas vezes com “pouca dignidade”, são a maioria da população e “vivem seu dia a dia precariamente” (n.17).

1. CONTEXTO ATUAL: MUDANÇA DE ÉPOCA

Vivemos uma época de transformações profundas. Não se trata de “época de mudanças”, mas de uma “*mudança de época*”. São tempos nos quais se constata *avanços e conquistas* no mundo das ciências e da técnica, que proporcionam conforto e bem-estar. Constatam-se também avanços em vários âmbitos da sociedade: a promoção da mulher; a valorização das minorias étnicas; o destaque à justiça, à paz e à ecologia; a consciência da importância dos movimentos sociais e dos direitos à educação e à saúde; iniciativas para a superação da miséria e da fome (n. 19).

O fenômeno da *globalização*, embora atinja todos os recantos do planeta, não se restringe ao âmbito geográfico, mas produz transformações que atingem todos os setores da vida humana (n. 20).

2. RISCOS E CONSEQUÊNCIAS DE UMA MUDANÇA DE ÉPOCA

Mudanças de época, de fato, afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos, a partir dos quais se afirmam identidades e se estabelecem ações e relações. Além disso, constata-se o aumento progressivo do relativismo, a ausência de referências sólidas, o excesso de informações, a superficialidade, o desejo a qualquer custo de conforto e facilidades, a aceleração do tempo, trazendo desafios existenciais e produzindo incertezas,

precariedade, insegurança, inquietação.³⁸ Surgem ou se agravam *tendências desafiadoras* como o individualismo, o fundamentalismo, o relativismo e diversas formas de unilateralismos. A atual *crise cultural* atinge, de modo particular, a família. “Difunde-se a noção de que a pessoa livre e autônoma precisa se libertar da família, da religião e da sociedade”. Fortes ideologias apresentam, por exemplo, noções confusas da sexualidade, do matrimônio e da família.

Estas tendências desdobram-se em outras tantas como: o laicismo militante, com posturas fortes contra a Igreja e a Verdade do Evangelho; a negação da Cruz e de sua força redentora; a irracionalidade da chamada cultura midiática; o amoralismo generalizado; as atitudes de desrespeito diante do povo, especialmente para com os mais frágeis; uma compreensão de economia que não considera a pessoa humana e os anseios do povo (n. 21).

No *âmbito católico*, um considerável número de pessoas se afasta, por diferentes razões, da comunidade eclesial, sinal da “crise do compromisso comunitário”. Constata-se, em algumas comunidades, situações que interpelam a ação evangelizadora: a persistência de uma pastoral de manutenção em detrimento de uma pastoral decididamente missionária; a compreensão da comunidade como mera prestadora de serviços religiosos do que lugar de vivência fraterna da fé; a passividade do laicato do que o engajamento nas diversas instâncias da vida social; a concentração do clero em determinadas áreas do que à efetiva solidariedade eclesial; a tendência de centralização excessiva do que ao exercício da comunhão e participação; o mundanismo sob vestes espirituais e pastorais do que a efetiva conversão; sinais de apego a 'vantagens e privilégios' do que ao espírito de serviço; celebrações litúrgicas que tendem mais à exaltação da subjetividade do que a comunhão com o Mistério; a utilização de uma linguagem inadequada do que uma linguagem acessível e atual; a tendência à uniformidade do que a unidade na diversidade. Sente-se a necessidade de encontrar uma nova figura de comunidade eclesial, acolhedora e missionária (n. 26).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Em que os avanços e conquistas do mundo globalizado ajudam na evangelização? Em que eles atrapalham? Que sugestão você dá para lidar com a tecnologia no âmbito da evangelização? O que deve ser evitado?

2. Existem conflitos na sua comunidade? Por que eles ocorrem? Lembre-se: “O semeador, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova” (n. 29). O que você sugere para superar essas situações que enfraquecem a vida missionária da comunidade?

QUESTÕES QUE DEVEM SER RESPONDIDAS

1. Quais são os maiores desafios da sua realidade pastoral, hoje? Que iniciativa pastoral nossa Diocese deve ter diante dessa realidade?

2. Há pessoas afastadas e distanciadas na sua realidade paroquial? Por que você acha que isso ocorre? Apresentem sugestões concretas para reaproximar essas pessoas da comunidade e despertar nelas o amor pela Igreja e o seu ardor missionário.

SEGUNDO ENCONTRO

URGÊNCIAS NA AÇÃO EVANGELIZADORA

Síntese do Terceiro Capítulo

Diante da realidade que se transforma, a Igreja “em saída” é convocada a superar uma pastoral de mera conservação ou manutenção para assumir uma pastoral decididamente missionária, numa atitude que é chamada de *conversão pastoral*, como caminho da ação evangelizadora. Voltar às fontes e recomeçar a partir de Jesus Cristo, faz a Igreja superar a tentação de ser autorreferencial e a coloca no caminho do amor-serviço aos sofredores desta terra (n. 30).

Neste contexto emergem cinco *urgências na evangelização* que **precisam estar presentes nos processos de planejamento pastoral das Igrejas particulares** e instituições eclesiais. Tais urgências dizem respeito à busca de caminhos para a vivência e a transmissão da fé. Elas são o elo entre tudo que se faz em termos de evangelização no Brasil. Põem a Igreja “em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres” (n. 31).

1. IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO

Jesus Cristo, missionário do Pai, envia, pela força do Espírito, seus discípulos em constante atitude de missão (Mc 16,15), por meio do testemunho e do anúncio explícito de sua pessoa e mensagem. *A Igreja é missionária* por natureza. Existe para anunciar, por gestos e palavras, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Fechar-se à dimensão missionária implica fechar-se ao Espírito Santo, sempre presente, atuante, impulsionador e defensor (Jo 14,16; Mt 10,19-20). Em toda a sua história, a Igreja nunca deixou de ser missionária. Em cada tempo e lugar, esta missão assume perspectivas distintas, nunca, porém, deixa de acontecer. Se hoje partilhamos a experiência cristã, é porque alguém nos transmitiu a beleza da fé, apresentou-nos Jesus Cristo, acolheu-nos na comunidade eclesial e nos fascinou pelo serviço ao Reino de Deus.

A Conferência de Aparecida e a exortação apostólica *Evangelii*

Gaudium convocam a Igreja a ser toda missionária e em *estado permanente* de missão (n. 36). A missão “é o paradigma de toda a obra da Igreja”. Ela assume um rosto próprio, com pelo menos *três características*: urgência, amplitude e inclusão. É urgente em decorrência da necessidade de anunciar o Evangelho com renovado ardor missionário, perante os graves problemas éticos e os desafios pastorais da realidade brasileira. Ampla e incluyente, porque reconhece que todas as situações, tempos e locais são seus interlocutores (n. 37). É necessário, portanto, suscitar, em cada batizado e em cada forma de organização eclesial, uma forte *consciência missionária* que interpele o discípulo missionário a “primeirar”, isto é, a tomar iniciativa, a “sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo” (n. 38).

Surge também a urgência de pensar *estruturas pastorais* que favoreçam a realização da atual consciência missionária. Esta “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais”, a ponto de deixar para trás práticas, costumes e estruturas que, por corresponderem a outros momentos históricos, atualmente não favorecem a transmissão da fé. “O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a *missionariedade*” (n. 40).

2. IGREJA: CASA DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

O estado permanente de missão implica uma efetiva iniciação à vida cristã. Cada tempo e lugar têm um modo característico para *apresentar* Jesus Cristo e suscitar nos corações o seguimento apaixonado à sua pessoa, que a todos convida para com Ele vincular-se intimamente. “A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo”. A mudança de época exige que o anúncio de Jesus Cristo não seja mais pressuposto, porém explicitado continuamente (n. 41).

É preciso ajudar as pessoas a *conhecerem Jesus Cristo*, fascinarem-se por Ele e optarem por segui-lo. “Anunciar Cristo significa mostrar que crer nele e segui-lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (n. 42). A catequese de inspiração *catecumenal* traz consigo importantes consequências para a ação evangelizadora. Requer uma

série de atitudes: acolhida, diálogo, partilha, escuta da Palavra de Deus e adesão à vida comunitária. Implica estruturas eclesiais apropriadas, nos mais diversos lugares e ambientes, sempre disponíveis a acolher, apresentar Jesus Cristo e dar as razões da nossa esperança (1Pd 3,15). Pressupõe, por fim, um *perfil de catequista/evangelizador*, ponte entre o coração que busca descobrir ou redescobrir Jesus Cristo e Seu seguimento na comunidade de irmãos, em atitudes coerentes e na missão de colaborar na edificação do Reino de Deus (n. 45).

3. IGREJA: LUGAR DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL

O discípulo missionário é convidado a redescobrir o *contato pessoal e comunitário* com a Palavra de Deus como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo. “Na alvorada do terceiro milênio, não só existem muitos povos que ainda não conheceram a Boa Nova, mas há também muitos cristãos que têm necessidade que lhes seja anunciada novamente, de modo persuasivo, a Palavra de Deus, para poderem assim experimentar concretamente a força do Evangelho”. A Igreja hoje tem consciência de que “particularmente as novas gerações têm necessidade de ser introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial” (n. 49).

A Palavra de Deus *dirige-se a todos*, indistintamente: crianças, jovens, adultos, idosos, e em todas as situações e contextos em que se encontrem. Ouvida e celebrada na comunhão com os irmãos, a Palavra de Deus gera solidariedade, justiça, reconciliação, paz e defesa de toda a criação. O discípulo missionário haverá de reconhecer e testemunhar que a Palavra é de Deus e como tal deve ser acolhida e praticada. Não é o discípulo missionário quem indica à Palavra o que ela deve dizer. Antes, ele mesmo é um ouvinte assíduo da Palavra (Is 50,5; Tg 1,25). O discípulo missionário a acolhe na gratuidade e na alteridade, deixando-se apaixonadamente interpelar. (n. 51)

A *animação bíblica de toda a pastoral*, indo além de uma pastoral bíblica especializada, é um caminho de conhecimento e interpretação da Palavra, um caminho de comunhão e oração com a Palavra e um caminho de evangelização e proclamação da Palavra. O contato interpretativo, orante e vivencial com a Palavra de Deus não forma, necessariamente, doutores; forma santos (n. 54).

4. IGREJA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

O discípulo missionário de Jesus Cristo, necessariamente, *vive sua fé em comunidade* (1Pd 2,9-10), em “íntima união ou comunhão das pessoas entre si e delas com Deus Trindade”. Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã. Comunidade *implica* convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores. A comunidade eclesial acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta. Ao mesmo tempo em que hoje se constata uma forte tendência ao individualismo, percebe-se igualmente a busca por vida comunitária. Esta busca nos recorda como é importante a vida em fraternidade. Mostra também que o Espírito Santo acompanha a humanidade suscitando, em meio às transformações da história, a sede por união e solidariedade (n. 55).

As *paróquias* têm importante papel na vivência da fé. Para a maioria das pessoas a relação com a Igreja se dá através das paróquias. Em vista da *conversão pastoral* que a missão, hoje, exige, elas precisam tornar-se cada vez mais comunidades vivas e dinâmicas, capazes de propiciar a seus membros uma real experiência “de discípulos e missionários de Jesus Cristo, em comunhão”. Assim, haverão de se tornar mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão, participação e missão (n. 56).

Além das comunidades territorialmente estabelecidas, deparamo-nos com comunidades *transterritoriais*, ambientais e afetivas. Estes fatos abrem o coração do discípulo missionário a novos horizontes de concretização comunitária (n.58). Dentre os *desafios*, dois se destacam. O primeiro diz respeito aos ambientes marcados por aguda *urbanização*, para os quais vizinhança geográfica não significa necessariamente convívio, afinidade e solidariedade. O segundo se refere aos *ambientes virtuais*, onde a rapidez da comunicação e a superação das distâncias geográficas tornam-se grandes atrativos, especialmente aos jovens. É necessária a consciência de que, na ação evangelizadora, estes desafios devem ser seriamente considerados e que nada substitui o contato pessoal (n. 59).

5. IGREJA A SERVIÇO DA VIDA PLENA PARA TODOS

A vida é dom de Deus! “O *Evangelho* da vida está no centro da mensagem de Jesus”. É missão dos discípulos o serviço à vida plena. Por isso, a Igreja no Brasil proclama com vigor que “as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os discípulos missionários a maior compromisso a favor da cultura da vida” (n. 62). Através da promoção da *cultura da vida* os discípulos missionários de Jesus Cristo testemunham verdadeiramente sua fé naquele que veio dar a vida em resgate de todos, comprometendo-se de modo especial com os pobres e excluídos, em vista da construção de uma sociedade justa e fraterna (n. 64).

“Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que poderia mesmo deixar para outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável de sua própria essência”. Daí “ratificar e potencializar a *opção preferencial pelos pobres*”, “implícita à fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” e que deverá “atravessar todas as suas estruturas e prioridades pastorais” manifestando-se “em opções e gestos concretos”. Devemos evitar “a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas, Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, afim de aceitarmos verdadeiramente de entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura” (n. 66).

Em tudo isso, a Igreja reconhece a importância da *atuação no mundo* da política e incentiva os leigos e leigas, especialmente os jovens, à participação ativa e efetiva nos diversos setores voltados para a construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário. Daí, a urgência na formação e apoio aos cristãos leigos e leigas para que atuem nos movimentos sociais, conselhos de políticas públicas, associações de moradores, sindicatos, partidos políticos e outras entidades, sempre iluminados pelo Ensino Social da Igreja. Tão desacreditada em nossos dias, a política, no entanto, “é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum” (n.68).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. O que você entende por “Igreja em estado permanente de missão”? As atividades pastorais de sua paróquia são verdadeiramente missionárias ou apenas de manutenção?

2. Você acredita que a catequese da sua paróquia evangeliza ou apenas ministra os sacramentos como mero cumprimento de rituais e tradições? Por que? Como seria uma paróquia que, de fato, fosse casa de iniciação à vida cristã e não apenas lugar para buscar um sacramento sem compromisso com a vida cristã?

3. Como anda o conhecimento e a vivência da Palavra de Deus na sua comunidade paroquial? Você acredita que a formação bíblica recebida é suficiente ou precisa melhorar?

4. A Igreja, se não for comunidade, não é Igreja. Como anda a vida de comunidade na sua paróquia? Ela tem as características das primeiras comunidades cristãs, e daquilo que às Diretrizes propõem, ou não passa de agrupamento de pessoas que vem para práticas de rituais?

5. A Igreja precisa estar a serviço. Uma Igreja que não serve, não tem razão se ser Igreja. Como anda os serviços na sua comunidade paroquial? Os agentes de pastoral e ministros ordenados servem na gratuidade, ou estão ali por outras razões? Sua comunidade paroquial tem compromisso com os desafios da sociedade, ou apenas tem práticas voltadas aos sacramentos e as devoções? Em que a paróquia precisa melhorar no âmbito do seu envolvimento com a sociedade e seus problemas?

TERCEIRO ENCONTRO

PERSPECTIVA DE AÇÃO

Síntese do Quarto Capítulo

Em nosso imenso Brasil, cada Igreja Particular (Diocese) responda às urgências na ação evangelizadora de acordo com as suas peculiaridades regionais. Além de características comuns da realidade brasileira em suas diferentes regiões, a fidelidade ao Evangelho no hoje de nosso tempo e o caráter indispensável do *testemunho de unidade* exigem uma ação orgânica em torno a alguns referenciais comuns (n. 71).

Estas *perspectivas* de ação querem contribuir, por um lado, com uma Igreja “comunhão e participação”, despertando a criatividade e fornecendo subsídios às diversas iniciativas da ação evangelizadora. Por outro, quer promover, nas Igrejas Particulares (dioceses) e entre elas, uma pastoral orgânica e de conjunto mais eficaz, pois a Igreja é “Igreja de Igrejas”. Trata-se de linhas e formas de ação, de critérios, que precisarão ser concretizadas nos processos de ação pastoral em cada Igreja Particular, segundo as condições e necessidades dos respectivos contextos (n. 72).

Neste encontro expomos as 5 grandes exigências do documento Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, porém, diante da realidade diocesana os convidamos a ter um olhar mais direcionado para as duas exigências que teremos como eixo de ação pastoral assumidos para os trabalhos de elaboração de nosso Plano de Pastoral Diocesana: **IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO** e **IGREJA: LUGAR DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL**. Recordamos que as cinco exigências são de suma importância, indiretamente as trabalharemos, porém sobre essas duas exigências, Bíblica e Missionária, nos debruçaremos com maior afinco. Ouvindo e acolhendo o que o Papa Francisco nos pede, sermos uma Igreja em Saída, recordamos também o que a Conferência de Aparecida nos chama a viver em nossa América Latina: devemos ser **DISCÍPULOS** que escutam a **PALAVRA** e reagem como **MISSIONÁRIOS-TESTEMUNHAS**.

1. IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO

Cabe a cada comunidade eclesial perguntar quais são os *grupos humanos ou as categorias sociais que merecem atenção especial* e lhes dar prioridade no trabalho de evangelização. Entre esses grupos estão: pessoas vivendo na periferia de nossas cidades, indígenas e afrodescendentes, intelectuais, artistas, políticos, formadores de opinião, esportistas, trabalhadores com grande mobilidade, nômades, pessoas com deficiência etc. Importa ir ao encontro deles, não apenas nas famílias e nas residências, nas periferias existenciais, mas também em todos os ambientes (n. 75). Há também outras realidades a serem pensadas, como, por exemplo, a juventude, as missões populares, o diálogo inter-religioso, etc.

Faz-se necessário estimular, sempre mais, com oportunas iniciativas, a partilha e a comunhão dos recursos da Igreja no Brasil, desenvolvendo e ampliando o projeto “*Igrejas irmãs*”, nas Igrejas Particulares, nos regionais e em âmbito nacional, levando em conta a situação de grave necessidade de pessoal e de recursos financeiros nos lugares mais carentes do país. Neste sentido, merece especial apoio o projeto “Comunhão e Partilha”, em favor das Igrejas com maiores necessidades de recursos econômicos, promovido pela CNBB. A região amazônica merece especial atenção e renovado empenho missionário (n. 82).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Quais iniciativas pastorais, no âmbito de uma paróquia em Estado Permanente de Missão, podem ser tomadas em nossa Paróquia?

QUESTÃO QUE DEVE SER RESPONDIDA

1. Considerando que a Missão é um dos eixos pastorais do Plano de Pastoral Diocesano, que propostas concretas sua Paróquia sugere para que essa urgência da Igreja no Brasil aconteça em nossa Diocese?

2. IGREJA: CASA DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

É necessário desenvolver, em nossas comunidades, um *processo de iniciação à vida cristã*, que conduza ao “encontro pessoal com Jesus Cristo”, no cultivo da amizade com Ele pela oração, no apreço pela celebração litúrgica, na experiência comunitária e no compromisso apostólico, mediante um permanente serviço ao próximo (n. 83).

A *catequese de inspiração catecumenal* adquire grande importância. Trata-se não de uma catequese ocasional, como preparação para receber algum sacramento, mas continuada. Isso implica melhor formação dos responsáveis e um itinerário catequético permanente, assumido pela Igreja Particular, com a ajuda da Conferência Episcopal, que não se limite a uma formação doutrinal, mas integral. A catequese de inspiração bíblica, mistagógica e litúrgica é condição fundamental para a iniciação cristã de crianças, bem como de adolescentes, jovens e adultos que não foram suficientemente orientados na fé e nas obras inspiradas pela fé (n. 84).

A pastoral da liturgia deve conjugar os esforços e as iniciativas necessárias para *animar a vida litúrgica* de uma comunidade, paróquia, diocese, levando em conta sua realidade histórica, cultural, eclesial, de modo que os cristãos possam tomar parte das celebrações de forma ativa, consciente e plena, e colher dela os frutos espirituais. Isto supõe: a) *formar* permanentemente a assembleia litúrgica, dedicando especial atenção aos ministros ordenados e às equipes de celebração; b) *preparar* as celebrações, respeitando-se as partes que compõem o rito; c) *realizar* com dignidade e competência as ações celebrativas; d) *avaliar* a preparação e a realização em busca do crescimento na qualidade das celebrações (n. 87).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Como você avalia o processo de iniciação à vida cristã em sua paróquia e que iniciativas podem ser tomadas para aprimorá-lo?
2. Que iniciativas sua paróquia tem ou pretende ter em relação a essa integração entre catequese e liturgia?
3. Aponte iniciativas que sua paróquia pretende ter em relação a formação dos agentes de pastoral e demais fiéis leigos.

3. IGREJA: LUGAR DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL

A Igreja no Brasil deseja incrementar a *animação bíblica da vida e da pastoral*, com o envolvimento de toda a comunidade, pessoas, pastorais, movimentos, associações e serviço. A animação bíblica é indispensável para que a vida da Igreja seja, ainda mais, uma “escola de interpretação ou conhecimento da Palavra, escola de comunhão e oração com a Palavra e escola de evangelização e proclamação da Palavra”. Seus principais objetivos são: propiciar meios de aproximação das pessoas à Palavra de Deus, para conhecê-la e interpretá-la corretamente; entrar em comunhão com a Palavra de Deus por meio da oração; evangelizar e proclamá-la como fonte de vida em abundância para todos (n. 93).

A Igreja, casa da Palavra, valoriza a *liturgia* como âmbito privilegiado local em que Deus fala à comunidade. Nela Deus fala e o povo escuta e responde. Cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Escritura Sagrada (n. 94).

Especial atenção merece a *homilia* que atualiza a mensagem da Bíblia de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus, no momento atual de sua vida. Ela pode ser “uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento” (n. 95).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Que metas sua paróquia pode assumir em relação a essa urgência?
2. Avalie como anda a formação bíblica na sua paróquia, a reflexão dos padres nas suas homilias e aponte o que precisa melhorar.
3. Avalie as celebrações litúrgicas de sua paróquia e apresente propostas concretas para melhorá-las.

QUESTÃO QUE DEVE SER RESPONDIDA

1. Ser uma Igreja centrada na Palavra de Deus é um dos eixos pastorais de nossa Diocese. Que propostas concretas sua Paróquia apresenta em relação a este eixo pastoral para constar no Plano de Pastoral Diocesano?

4. IGREJA: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

A Igreja no Brasil se compromete em acelerar ainda mais o processo de animação e fortalecimento de comunidades, que buscam intensificar a vida cristã por meio de autêntico compromisso eclesial. Em vista disto, a CNBB publicou o documento “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia” (Doc. 100). Importa muito investir na descentralização das paróquias, seja iniciando experiências significativas, seja reconhecendo, no dia a dia das comunidades, o que já existe, atentos ao que afirma o Documento de Aparecida: ninguém pode se isentar de dar estes passos (n. 102).

Entre as formas de renovação da paróquia está a urgência de sua setorização em unidades menores, com equipes próprias de animação e de coordenação, para favorecer a maior proximidade com as pessoas e grupos da região e o nascimento de comunidades, pois valoriza os vínculos humanos e sociais. Assim, a Igreja se faz presente nas diversas realidades, vai ao encontro dos afastados, promove novas lideranças e a iniciação à vida cristã acontece no ambiente em que as pessoas vivem (n. 103).

As diversas formas válidas de pequenas comunidades, de movimentos, de associações, de grupos de vida, de oração e de reflexão da Palavra de Deus “são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e setores”. Eles possibilitam a experiência da gratuidade dos relacionamentos e do compromisso missionário. Todos são convocados a se comprometerem com a paróquia local, a assumirem os planos pastorais de cada Igreja Particular, e, com elas, se unirem em torno das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (n. 105).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Sua Paróquia já está setorizada, isto é, dividida em unidades menores? Se está, como é essa setorização? Se não está, quais os motivos que impedem a setorização?
2. Como você vê a setorização da Diocese em Vicariatos e Foranias?
3. Que iniciativas concretas sua paróquia tem, ou pretende ter, em relação a essa urgência da Igreja?

5. IGREJA A SERVIÇO DA VIDA PLENA PARA TODOS

A Igreja, através de uma *pastoral social* estruturada, orgânica e integral, tem a vocação e missão de promover, cuidar e defender a vida em todas as suas expressões. Ao fazer isso, testemunha que “o querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (n. 109).

O serviço à vida começa pelo respeito à *dignidade da pessoa humana*, através de iniciativas como: a) defender e promover a dignidade da vida humana em todas as etapas da existência, desde a fecundação até a morte natural; b) tratar o ser humano como fim e não como meio, respeitando-o em tudo que lhe é próprio: corpo, espírito e liberdade; c) tratar todo ser humano sem preconceito nem discriminação, acolhendo, perdendo, recuperando a vida e a liberdade de cada pessoa, tendo presentes as condições materiais e o contexto histórico, social, cultural em que cada pessoa vive. Neste sentido, destaca-se a importância da Campanha da Fraternidade, que está entre as ações eclesiais de maior impacto na sociedade (n. 110).

Como cidadãos cristãos, cabe generoso empenho para que as comunidades e demais instituições e organizações católicas *colaborem ou ajam em parceria* com outras instituições privadas ou públicas, com os movimentos populares e entidades da sociedade civil, em favor da implantação e da execução de políticas públicas voltadas para a defesa e a promoção da vida e do bem comum, segundo a Doutrina Social da Igreja. Incentive-se, para tanto, a participação, ativa e consciente, nos Conselhos de Direitos e o empenho generoso na busca de políticas públicas que ofereçam as condições necessárias ao bem-estar de pessoas, famílias e povos (n. 124).

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Sua Paróquia tem Pastorais Sociais? Se as tem, quais são e como elas funcionam? Elas contribuem para as mudanças nas estruturas sociais, ou são mais na linha paternalista, apenas suprimindo necessidades emergenciais e as obrigações do município?

2. Sua Paróquia tem Pastoral de Fé e Política, ou iniciativas que incentivem os leigos a participarem da política, ou ela não se envolve com essas questões?

3. Sua Paróquia promove, ou pretende promover formação no âmbito da Doutrina Social da Igreja? Partilhe sobre isso e apresente propostas.

CONCLUSÃO

As DGAE 2015-2019 são oferecidas como referencial para o processo de planejamento pastoral das Comissões Episcopais Pastorais e Regionais da CNBB, para as Dioceses e outros organismos eclesiais. Respondendo aos desafios locais a partir das urgências e perspectivas de ação, possa a Igreja no Brasil continuar dando o testemunho da comunhão na diversidade que caracteriza a Igreja (n. 128).

Planejar a pastoral não é um processo meramente técnico. É uma ação carregada de sentido espiritual. Por isto, todo processo precisa ser rezado, celebrado e transformado em louvor a Deus. Para tanto, são necessários evangelizadores “que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo”, “que anunciem a Boa-Nova com uma vida transfigurada pela presença de Deus e que rezam e trabalham” (n. 129).

Agradecemos a participação de todos, e o empenho nos estudos e contribuições para o planejamento e o plano pastoral desta diocese. Contamos com todos para os passos seguintes, de modo que o nosso plano de pastoral seja participativo, e que ninguém se sinta fora dele. Para que isso aconteça, contamos com o empenho e a colaboração dos párocos e demais agentes de pastoral, leigos e consagrados. Juntos, nós planejaremos uma diocese em estado permanente de missão, fundamentada na Palavra de Deus e com verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo.

✓